



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS

NATHAN D'ALMEIDA ALVES DE OLIVEIRA

O PIOR DOS PECADORES: UMA COMPARAÇÃO ENTRE O APÓSTOLO
PAULO E AUGUSTO MATRAGA

João Pessoa

2024

NATHAN D'ALMEIDA ALVES DE OLIVEIRA

**O PIOR DOS PECADORES: UMA COMPARAÇÃO ENTRE O APÓSTOLO PAULO
E AUGUSTO MATRAGA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito básico para obtenção do grau de licenciatura em Letras Português pela Universidade Federal da Paraíba, sob orientação do Prof. Dr. Arturo Gouveia de Araújo.

João Pessoa - PB

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

O48p Oliveira, Nathan D'Almeida Alves de.
O pior dos pecadores : Uma comparação entre o
Apóstolo Paulo e Augusto Matraga / Nathan D'almeida
Alves de Oliveira. - João Pessoa, 2024.
38 f.

Orientador : Arturo Gouveia de Araújo.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
2024.

1. Matarga, Augsuto. 2. Literatura Brasileira. 3.
Bíblia e Literatura. I. Araújo, Arturo Gouveia de. II.
Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82

NATHAN D'ALMEIDA ALVES DE OLIVEIRA

**O PIOR DOS PECADORES: UMA COMPARAÇÃO ENTRE O APÓSTOLO PAULO
E AUGUSTO MATRAGA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito básico para obtenção do grau de licenciatura em Letras Português pela Universidade Federal da Paraíba, sob orientação do Prof. Dr. Arturo Gouveia de Araújo.

BANCA EXAMINADORA

Prof.º Dr. Arturo Gouveia de Araújo

UFPB

Orientador

Profa.º Dra. Vanessa Neves Riambau Pinheiro

UFPB

Examinadora

Prof.º Ma. Sheyla Maria Lima Oliveira

Doutoranda do PPGL/UFPB

Examinadora

AGRADECIMENTOS

À Deus, pelo dom da vida e por me resgatar do Império das trevas, me conduzindo ao Reino do seu amor. Espero ardentemente o Senhor vir me buscar e me levar de volta para casa;

À minha esposa, Sarah, por ser minha companheira e amiga, luz que brilha nos momentos mais escuros;

À toda minha família, em especial ao meu pai, Cláudio e minha mãe, Arineyde. A fé, a esperança e o amor de vocês tornam todos os dias mais felizes. Deus deve me amar muito por me presentear com vocês;

Aos meus irmãos, David, sua esposa Gabriele, e Gabriel, meus melhores amigos e companheiros nesta aventura épica que é a vida;

À família materna da minha esposa, cujos membros guardo em meu coração e que me acolheram com carinho;

Aos meus amigos, em especial à Willyam, Matheus e Fábio, companheiros de curso e amigos para a vida. Vocês me fazem entender a importância de escolher bem quem estará ao nosso lado nas trincheiras;

Aos professores que tive ao longo da vida, sobretudo no curso de Letras. Vocês me inspiram, me encantam e acendem no meu coração o amor ao ensino.

À Universidade Federal da Paraíba, por eu amar tanto, desde pequeno, cada pedacinho desse chão.

“Pois para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro.”
Filipenses 1:21

“- P’ra o céu eu vou, nem que seja a porrete!...”
Augusto Matraga

RESUMO

Esta pesquisa se propõe a comparar a jornada de Augusto Matraga com a vida do apóstolo Paulo, conforme narrada nos Atos dos Apóstolos. Para isso, pretendemos compreender os conceitos de tema e motivo, conforme expostos pelo professor Robert Alter no seu livro *A arte da narrativa bíblica* (2007), e as ideias de Northrop Frye acerca da importância da Bíblia para a convenção literária ocidental, contidas em *A imaginação educada* (2017) e *O grande código* (2021) além de examinar parte da fortuna crítica acerca das referências e reconstruções mitológicas e religiosas na obra rosiana, analisar a jornada até a morte dos personagens Paulo e Augusto Matraga e, por fim, estabelecer as semelhanças e diferenças entre ambos os personagens. Nossa hipótese é de que as imagens, os temas e os motivos presentes na história de Paulo, conforme narrada por Lucas no livro de Atos, também aparecem no conto rosiano, onde encontramos diversos elementos em comum entre as obras, bem como inúmeras diferenças. Esperamos que a pesquisa se mostre útil para todo aquele que deseje explorar mais a fundo a relação entre esses dois personagens.

Palavras-chave: Augusto Matraga; Literatura Brasileira; Bíblia e Literatura.

ABSTRACT

This research aims to compare the journey of Augusto Matraga with the life of the Apostle Paul, as narrated in the Acts of the Apostles. To this, we intend to understand the concepts of theme and motif, as presented by professor Robert Alter in his book *A arte da narrativa bíblica* (2007), and the ideas of Northrop Frye regarding the importance of the Bible for western literary Convention, found in *A imaginação educada* (2017) e *O grande código* (2021). In addition, we will examine part of the critical reception concerning mythological and religious references and reconstructions in Guimarães Rosa work, analyze the Journey toward the death of both Paul and Augusto Matraga, and, finally, establish the similarities and differences between these two characters. Our hypothesis is that the images, themes and motifs presente in story of Paul, as narrated by Luke in the book of Acts, also appear in Rosa's tale, Where we find several common elements between the works, as well as numerous differences. We hope that this research proves useful to anyone wishing to explore more deeply the relationship between these two characters.

Palavras-chave: Augusto Matraga; Brazilian Literature; Bible and Literature.

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO.....	8
II. BÍBLIA: O CONTINENTE LITERÁRIO OCIDENTAL.....	9
1. A Bíblia e a convenção literária ocidental.....	10
2. Tema e motivo na narrativa bíblica.....	14
III. CONSIDERAÇÕES ACERCA DE AUGUSTO MATRAGA.....	17
1. O autor e a obra.....	17
2. São Matraga: o santo guerreiro.....	18
IV. OS PIORES DOS PECADORES.....	21
1. A vida pregressa.....	21
2. A queda e a nova vida.....	24
3. Martírio e canonização.....	30
V. CONCLUSÃO.....	34
VI. REFERÊNCIAS.....	36

I - INTRODUÇÃO

Herman Northrop Frye, renomado crítico literário canadense, é amplamente conhecido no meio acadêmico por, entre outras coisas, defender a tese de que a Bíblia é o alicerce estrutural de toda literatura ocidental. Seja nos arquétipos dos personagens, seja na reconstrução dos enredos, os temas bíblicos, para Frye, podem ser encontrados na maioria das obras da literatura. As histórias bíblicas, nesse sentido, serviriam de inspiração para que os mais diversos autores os utilizassem em suas obras, quer em referências diretas, como na *Divina Comédia*, de Dante, ou em *Esau e Jacó*, de Machado de Assis, quer em referências indiretas, como a repetição estrutural ou temática que aponta para histórias ou doutrinas presentes na Bíblia: redenção do corpo, salvação da alma, reconciliação entre parentes, arrependimento e perdão após uma vida de pecados, um destino escrito *versus* a liberdade humana etc. Entre as inúmeras histórias encontradas na Bíblia em que vemos essas temáticas, temos, no livro de Atos dos apóstolos, a apresentação de Saulo de Tarso, posteriormente renomeado Paulo, um personagem que será fundamental para as bases doutrinárias e teológicas do cristianismo e que, em sua jornada, podemos observar a presença de muitos temas que reverberam por toda Escritura (Bíblia): a conversão, a coragem diante da morte, a busca por redenção etc.

Tais temas são recorrentes na literatura brasileira, compondo um grande quadro sob o qual diversos autores se inspiraram para escrever suas obras. João Guimarães Rosa, renomado escritor mineiro, amplamente estudado nos meios acadêmicos, não deixou de lado os temas que remetem à Bíblia. Quer em contos, quer em seu romance, podemos claramente perceber a influência que a literatura cristã exerceu na vida e na obra do autor. Notamos essa presença não apenas no conteúdo dos escritos rosianos, mas sobretudo na forma destes, uma vez que seu projeto regionalista, sua brincadeira com as palavras, sua narração e descrição poética do mais banal dos acontecimentos evoca essa sensação mística, mítica, quase como uma reconstrução de um sertão mineiro antigo, ancestral. Como nos aponta a professora e pesquisadora Walnice Nogueira Galvão, em seu ensaio “Os patamares da fabulação” (2006):

Guimarães Rosa apresenta, em *Grande sertão: veredas*, um sertão que, embora integrado e indissolúvel, pode, para efeitos de análise, ser percebido segundo três pontos de vista diversos: o geográfico propriamente dito, o mítico e o metafísico. (...). O ponto de vista mítico confere às conflagrações locais entre bandos de jagunços a serviço dos coronéis visos de novela de

cavalaria, como se fossem histórias de Carlos Magno e os doze pares de França, ou então do rei Artur e a Demanda do Santo Graal. (Galvão, 2006).

Entre os inúmeros escritos de Guimarães Rosa, encontramos, em *Sagarana*, o famoso conto “A hora e vez de Augusto Matraga”, uma história em que há, na jornada do protagonista, uma busca pela salvação de sua alma.

Diante disso, esta pesquisa se propõe a comparar a jornada de Augusto Matraga com a vida do apóstolo Paulo, conforme narrada nos Atos dos Apóstolos. Para isso, pretendemos compreender os conceitos de tema e motivo, conforme expostos pelo professor Robert Alter no seu livro *A arte da narrativa bíblica* (2007), e as ideias de Northrop Frye acerca da importância da Bíblia para a convenção literária ocidental, contidas em *A imaginação educada* (2017) e *O grande código* (2021). É necessário, com isso, examinar parte da fortuna crítica acerca das referências e reconstruções mitológicas e religiosas na obra rosiana, analisar a jornada até a morte dos personagens Paulo e Augusto Matraga e, por fim, estabelecer as semelhanças e diferenças entre ambos os personagens.

Metodologicamente, o trabalho será uma pesquisa bibliográfica, tendo como *corpus* o conto “A hora e vez de Augusto Matraga”. Utilizaremos os Atos dos Apóstolos e algumas cartas paulinas para compreendermos a vida de Paulo. Para auxiliar na análise, utilizaremos conceitos teóricos de Northrop Frye acerca da Bíblia e da literatura, os conceitos de tema e motivo conforme expostos por Robert Alter, estudos rosianos da professora Walnice Nogueira Galvão e outros artigos e textos acadêmicos.

Esta pesquisa justifica-se pelo ineditismo de sua proposta, contribuindo com a extensa fortuna crítica do conto citado.

II – BÍBLIA: O CONTINENTE LITERÁRIO OCIDENTAL

Antes de analisarmos os dois personagens principais desta pesquisa, precisaremos primeiro compreender alguns conceitos teóricos que justificam e clarificam esta comparação. Tendo isto em mente, este capítulo se propõe a construir a base teórica da nossa pesquisa, expondo certos conceitos que serão muito importantes para a análise. Em primeiro lugar, devido à falta de consenso acadêmico e religioso, todas as vezes que nos referirmos à Bíblia estaremos nos referindo ao conjunto de escritos religiosos, que varia em número a depender da tradição eclesiástica, mas que, no geral, possuem mais semelhanças que diferenças. Em se tratando da tradução da Bíblia, utilizaremos a Bíblia de Jerusalém (2002). Escolhemos esta

versão, e não outra, pela sua preocupação ecumênica e seu caráter mais “acadêmico”. Sobre os conceitos teóricos, primeiramente iremos buscar compreender qual a importância que a Bíblia pode ter para os estudos literários e, posteriormente, como os conceitos de tema e motivo, que serão aqui expostos, nos ajudam a analisar melhor algumas histórias da Bíblia, além de nos ajudarem a relacionar tais histórias com histórias modernas.

1. A Bíblia e a convenção literária ocidental

Nascido em 14 de julho de 1912, na cidade de Sherbrooke, no Canadá, Herman Northrop Frye foi um pastor, professor e crítico literário que dedicou boa parte de sua obra a tentar estabelecer princípios e métodos para tratar a crítica literária como uma ciência. Além disso, é bastante conhecido no meio acadêmico pela sua tentativa de compreender a literatura ocidental a partir dos modelos literários bíblicos (Frye, 2017).

Ao analisarmos diferentes textos literários ocidentais, escritos por diferentes autores de diferentes lugares e tempos, podemos, se olharmos com cuidado, notar algumas semelhanças entre todos esses escritos. Existirão, sim, muitas diferenças, mas certos elementos certamente foram utilizados de maneira repetida: certas imagens podem aparecer como metáfora em um texto e em outro, certos personagens podem ser caracterizados de forma semelhante, ter atitudes semelhantes e suas histórias podem terminar de maneira muito parecida. Essa repetição de imagens, ideias e personagens foi muito discutida no meio acadêmico, sendo uma famosa explicação para isso as ideias do psicólogo Carl Jung acerca do inconsciente coletivo¹ (Jung, 2016). Utilizando esta teoria, mas se opondo veementemente a ela, Northrop Frye buscou compreender estes “arquétipos” a partir daquilo que ele chamou de “convenção”. Em suas palavras:

Somente uma prévia experiência com a literatura pode fazer um escritor querer escrever, e ele começará pela imitação do que quer que já tenha lido – em geral, a produção escrita do povo ao seu redor. Isto lhe proporciona aquilo que se chama convenção: uma determinada maneira típica e socialmente aceita de escrever. Um jovem poeta da época de Shakespeare provavelmente escreveria sobre a frustração do seu desejo sexual; um jovem poeta de hoje provavelmente escreveria sobre

¹ Para Jung, o inconsciente coletivo é uma parte da psique humana cujos “conteúdos (...) nunca estiveram na consciência e, portanto, não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de complexos, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos. O conceito de arquétipo, que constitui um correlato indispensável da ideia do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar” (Jung, 2016, p.73).

a liberação do seu desejo sexual – mas em ambos os casos a escrita é convencional. (Frye, 2017, p. 34).

A partir dessa definição, podemos observar que Frye olha para o escritor, o criador da obra literária, e constata que este possui influências que o levam a escrever. Nenhuma escrita nasce do nada, a partir da mera abstração do autor, mas de uma série de influências que este recebe, seja do meio social, seja do meio literário. Essas “influências”, “convenções”, como as chama o crítico canadense, podem ser externas à literatura, ou seja, influenciadas pelo contexto social em que o autor está inserido, ou internas, derivando diretamente de algo que o autor leu anteriormente. Independentemente de ser interna ou externa, o importante é compreendermos esse caráter convencional da literatura.

Para Frye, essa convenção, sobretudo a convenção interna, vai aos poucos criando “lugares comuns”, isto é, certas imagens, enredos, personagens, que reforçam aquele determinado tipo de história que se quer contar. Poderíamos citar, por exemplo, o escuro, a noite e a chuva em histórias de mistério; a vingança envolvendo parentes e resultando em tragédias familiares; os infinitos obstáculos que se interpõem na vida do casal, em histórias de amor etc. Até mesmo histórias inteiras que parecem repetições de outras histórias, mais antigas:

Se vocês abrirem a Bíblia, por exemplo, logo vão chegar ao episódio em que a filha do faraó encontra o recém-nascido Moisés. Eis uma história convencional, o nascimento misterioso de um herói. Ela foi contada a respeito de um rei da Mesopotâmia muito antes de existir qualquer Bíblia; incorporou-se à história de Perseu, na mitologia grega; transportou-se então à literatura pela peça de Eurípedes Íon; depois, foi usada por Plauto, Terêncio e outros escritores de comédias; por fim, tornou-se um recurso de ficção, como em Tom Jones e Oliver Twist, e segue até hoje firme e forte. (...) Se lerem a ficção publicada em revistas femininas, lerão a história da Cinderela repetida à exaustão. Nos suspenses é a do Barba Azul. Num faroeste encontraremos um desenvolvimento da convenção pastoral, que aparece em escritores de todas as épocas, Shakespeare incluso. (Frye, 2017, p. 35-36).

Notamos aqui como que as obras literárias possuem elementos que se repetem e voltam a aparecer em outras obras. Poderíamos inclusive ir além, e pensar em como essas convenções se manifestam em obras artísticas para além da literatura, como o cinema, porém não interessaria para a nossa pesquisa. Importante aqui é compreendermos que, na perspectiva de Northrop Frye, todo autor baseia as imagens, as metáforas e até o enredo de suas histórias

no que outros autores já fizeram ou estão fazendo, gerando algo que ao mesmo tempo é único e carrega em si a influência de uma tradição literária que o antecedeu. A partir dessa concepção de convenção, Frye argumenta que toda a literatura não pode existir fora da literatura, isto é, “a literatura só pode derivar suas formas de si mesma: elas não podem existir fora da literatura, (...)” (Frye, 2017, p. 36). Tal caráter “ensimesmado” da literatura se dá justamente por suas convenções serem, acima de tudo, literárias, isto é, criadas e pensadas para serem utilizadas dentro de um contexto literário. Ainda que questões sociais ou históricas sirvam de motor para impulsionar o escritor a escolher seus temas², na hora da criação do texto literário é nas convenções que o autor irá encontrar as formas e imagens que serão utilizadas na composição de sua obra, buscando referências, ainda que não admita, em outras obras que o mesmo autor leu ou histórias que escutou. Para tornar essa argumentação mais clara, Frye compara esse processo à música, alegando que a sonata e a fuga, formas musicais, só podem existir dentro da música, ou quando estão relacionadas a esta.

Vale ressaltar que, ao dizer que as imagens literárias se repetem, Frye não está defendendo que não haja nada de novo, que todas as obras sejam “cópias” umas das outras, mas apenas constatando que, por mais original que a história possa parecer, ela ainda irá dialogar com imagens e enredos padronizados que já forma feitos antes.

Não estou dizendo que não há nada de novo na literatura; estou dizendo que tudo é novo, mas também reconhecível como a mesma espécie de coisa que o velho, assim como um novo bebê é genuinamente um novo indivíduo, mas também um exemplo de algo muito comum, um ser humano, pertencente à mesma linguagem que o primeiro dos seres humanos. (Frye, 2017, p. 38).

A imagem do bebê é interessante para associarmos ao que está sendo dito. Todos podemos concordar que um bebê possui certas características que o definem enquanto indivíduo, ou seja, que o identificam como um ser diferente dos demais. Ao mesmo tempo, ele ainda é um bebê, ainda possui diversos elementos que são comuns a todos os outros bebês, e são esses elementos de semelhança, e não as diferenças, que nos permitem identificá-lo como um bebê pertencente à espécie humana. Indo além, na mesma linha de raciocínio, poderíamos notar que, quanto mais um bebê cresce, mais adquire uma personalidade e alguns traços físicos que o diferenciam dos demais seres humanos, o tornando ainda mais único. Na

² Utilizamos a palavra “tema” aqui no sentido geral e popular: o assunto do qual fala determinado livro. Esta nota se faz necessária, pois, mais à frente, iremos expor um conceito específico a que também chamaremos “tema”, mas que não tem a ver com o sentido aqui empregado.

literatura, quanto mais um escritor desenvolve sua escrita, mais “original” suas obras vão ficando, mas, assim como o bebê da nossa alegoria, ainda que velho, não deixará de ser humano. Assim um livro, por mais inovador que seja, não deixa de fazer parte das convenções literárias.

Toda essa argumentação construída por Frye, acerca desse lugar comum literário, dessas convenções, o leva a afirmar que a literatura é como uma grande família interligada, em que cada novo membro carrega em si os traços, os fenótipos, das gerações anteriores (Frye, 2017). Conhecer os membros dessa família, conhecer as mais diversas obras literárias, nos faz entender mais a composição da própria família, a composição da própria literatura: “(...) na literatura, não apenas lemos poemas e romances um após o outro, mas ingressamos num mundo completo do qual cada obra literária faz parte” (Frye, 2017, p. 60). Essa interligação entre os diferentes membros levaria a um ancestral em comum, ao pai e a mãe que deram origem a todos esses descendentes. Existiriam, nessa concepção, certas histórias que são muito importantes para a compreensão da literatura como um todo, histórias que constroem imagens e enredos que possuem uma força e que reverberam através dos séculos na literatura. Se continuarmos utilizando o exemplo da família, poderíamos dizer que, para Frye, os pais seriam a Bíblia e as histórias da literatura grega e romana. Ao afirmar isso, Frye não está desconsiderando todas as outras histórias que vieram antes, mas apenas afirmando que esses dois mundos, materializados nas cidades de Jerusalém e Atenas, exerceram, exercem e, muito provavelmente, continuarão exercendo uma influência gigantesca em todo universo literário, sobretudo ocidental.

Não é muito comum toparmos com um poema que dependa inteiramente duma alusão, (...), mas a alusividade permeia toda a nossa experiência literária. Se não conhecemos a Bíblia e as histórias centrais da literatura grega e romana, por mais que leiamos livros e frequentemos o teatro, o nosso conhecimento da literatura não cresce, assim como não cresce o nosso conhecimento da matemática se não aprendemos a tabuada da multiplicação. Esbarramos aqui num problema educacional. (Frye, 2017, p. 60).

Vemos na citação acima que, para Frye, sempre encontraremos textos literários fazendo “alusão” a imagens que podem ser melhor compreendidas quando analisadas dentro do seu contexto de produção, e que esse contexto de produção, na maioria das vezes, parte do que para ele são os dois grandes pilares da literatura ocidental: a Bíblia e a literatura greco-romana. Neste sentido, certas convenções que podemos encontrar em obras literárias se

tornam muito mais claras quando vistas e compreendidas dentro desses dois universos, o que pode ser explicado pela influência que esses textos tiveram no mundo ocidental. “O que importa é que lê-se a “Bíblia” tradicionalmente como uma unidade, e que a “Bíblia” influenciou a imaginação do Ocidente como unidade.” (Frye, 2021, p. 11).

A partir dessa compreensão de como a literatura é convencional e que essas convenções repetem, reconstroem ou reverberam, passemos agora a expor dois conceitos-chave que, quando vistos junto às teorias de Frye, nos ajudam a compreender e justificar a nossa pesquisa, não vindo a ser apenas uma comparação entre dois textos de tempos diferentes, mas uma reincidência, no conto de Guimarães Rosa, de temáticas apresentadas na história paulina.

2. Tema e Motivo na narrativa Bíblica

Robert Alter é um professor norte-americano que, atualmente, leciona literatura hebraica e comparada na universidade da Califórnia. Foi o organizador, junto do crítico literário britânico John Frank Kermode do *Guia literário da Bíblia* (2001), livro que sintetiza boa parte de suas preocupações acadêmicas, isto é, a relação da Bíblia e da literatura. Para esta pesquisa, utilizaremos a obra *A arte da narrativa Bíblica* (2007), onde o autor investiga uma série de recursos e ferramentas literárias que podem ser observadas na escrita do antigo testamento³. Nas palavras do autor, sua intenção com o livro é “ser um guia para a leitura inteligente da narrativa bíblica. (...). O Objetivo geral do livro é iluminar os princípios característicos da arte narrativa bíblica.” (Alter, 2007). Entre estes “princípios característicos”, dois em especial serão importantes para as discussões apresentadas neste trabalho, “tema” e “motivo”.

No final do capítulo 5, intitulado “As técnicas de repetição”, Robert Alter faz um resumo de tudo o que ele vinha expondo até então, apresentando sumariamente algumas

³ “Antigo testamento” é a nomenclatura utilizada por cristãos para se referirem aos livros, escritos em hebraico e aramaico, que se passam antes da chegada do Messias. É composta de 46 livros na bíblia católica romana e 39 nas Bíblias protestantes, sendo eles: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio, Josué, Juízes, Rute, 1 Samuel, 2 Samuel, 1 Reis, 2 Reis, 1 Crônicas, 2 Crônicas, Esdras, Neemias, *Tobias*, *Judite*, Ester, *1 Macabeus*, *2 Macabeus*, Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos (Cantares), *Sabedoria*, *Eclesiástico*, Isaías, Jeremias, Lamentações, *Baruc*, Ezequiel, Daniel, Oseias, Joel, Amós, Abdias (Obadias), Jonas, Miquéias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias. Os nomes em itálico são os livros presente apenas em Bíblias católicas. Após o antigo testamento temos o “Novo testamento”, escrito em grego, composto por 27 livros tanto no catolicismo romano quanto no protestantismo. Segue os livros: Mateus, Marcos, Lucas, João, Atos, Romanos, 1 Coríntios, 2 Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, 1 Tessalonicenses, 2 Tessalonicenses, 1 Timóteo, 2 Timóteo, Tito, Filemon, Hebreus, Tiago, 1 Pedro, 2 Pedro, 1 João, 2 João, 3 João, Lucas e Apocalipse. (Bíblia, 2002).

técnicas recorrentes nas escrituras. Após diversos exemplos, o autor percebe que certos elementos se repetem com relativa constância na Bíblia. Esses elementos às vezes são imagens, temáticas, falas, cenas, palavras, acontecimentos, etc, auxiliando o texto literário a exprimir o argumento que se pretende. Para citarmos um exemplo, podemos verificar como o autor expõe a imagem do fogo na história do Juiz Sansão:

Sansão, por exemplo, é silenciosa mas eficazmente associado ao motivo verbal e imagético do fogo (Juízes 14-16). As várias cordas que não conseguem amarrá-lo são comparadas a fios de linho queimados ao fogo quando ele as arreventa com força (Juízes 15,16). Os trinta filisteus ameaçam matar sua primeira mulher com fogo se ela não lhes revelar a resposta ao enigma de Sansão (Juízes 14,15). Quando o primeiro sogro de Sansão o rechaça como marido da filha mais velha, ele se vinga amarrando tochas às caudas de raposas e ateando fogo nas searas dos filisteus (Juízes 15, 4-5). A reação imediata dos filisteus é fazer uma estrondosa fogueira da casa da nova esposa de Sansão, matando a mulher e o pai em meios às chamas (Juízes 15,6). Quando chegamos ao ponto em que Sansão, feito prisioneiro, derruba o templo de Dagon, matando a si mesmo e a milhares de inimigos, embora não haja fogo na cena culminante, o fogo já se tornou uma imagem metonímica do próprio sansão: uma força cega, incontrolável, que deixa atrás de si um terrível rastro de destruição e que, no fim, é consumido junto com tudo o que atravessa seu caminho. (Alter, 2007, p. 146 e 147).

Percebemos neste exemplo como a imagem do fogo aparece como algo muito maior do que as suas manifestações literárias ao longo da história: ele é quase como uma metáfora da triste e sofrida história de um homem consumido pela sua fúria e pelas suas paixões (algo não citado na obra, mas que vale lembrar, é que o fogo é associado com as paixões, e que, na história de Sansão, sua paixão cega por Dalila virá a trazer a sua ruína) e que, arrependido no final, consome seus inimigos.

No livro, o professor norte-americano vai apresentando estas imagens que são recorrentes e que podem facilmente passar despercebidas para um leitor desatento. A partir de tais imagens, o autor cria algumas “categorias” de repetição, que vai desde a simples repetição de palavras, que ele denomina *Leitwort*, até a reconstrução de cenas inteiras, chamadas por ele de “cenas-padrão”. Entre essas categorias é que encontramos as de “motivo” e “tema”.

Motivo, de maneira simples, pode ser exemplificado como o fogo na história de Sansão. É aquela imagem, aquele símbolo que se repete e que serve para dar uma unidade a uma determinada história (Alter, 2007). Ele não tem sentido próprio fora do contexto em que

está inserido, ou seja, não tem nenhuma relação em si com a história, mas é a história, através de metáforas e da reutilização desse elemento, que acaba por dar sentido ao motivo. Para ficar claro, o fogo, tal qual encontramos na natureza, não diz nada a respeito de Sansão. Porém, dentro do contexto da narrativa, nós conseguimos fazer essa associação e perceber que ambos, tanto o fogo quanto Sansão, possuem diversas coisas em comum. Alguns exemplos de motivos na Bíblia seria a água e o mar na história de Moisés; os sonhos, em várias histórias; as prisões e a prata na história de José etc. (Alter, 2007)

Tema, por sua vez, não é apenas um símbolo, uma imagem, mas um compilado de ideias e valores presentes naquele texto. É “uma ideia que faz parte do sistema de valores do relato – seja de natureza moral, moral-psicológica, legal, política, histórica ou teológica – e que aparece com certo padrão de recorrência” (Alter, 2007). Para verificarmos o tema de uma obra, teríamos de analisar não apenas a obra, mas o contexto em que ela está inserida, compreendendo como os valores daquela sociedade estão estruturando a narrativa. A Bíblia, mesmo quando analisada literariamente é uma obra que possui uma preocupação principalmente religiosa, e por isso possui inúmeros temas que podem ser encontrados reverberando em suas histórias. O autor cita alguns:

(...) a revogação da primogenitura; a obediência em oposição à rebeldia nas histórias do Êxodo; o conhecimento na história de José; o exílio e a terra prometida; a rejeição e escolha do soberano em Samuel e no livro dos Reis. (Alter, 2007, p. 148).

Estes dois elementos narrativos são de vital importância para conseguirmos analisar melhor os textos bíblicos de maneira literária, percebendo as intenções dos autores ao comporem as histórias, utilizando-se desses recursos para reforçarem um ou outro aspecto da narrativa. Robert Alter (2007) reconhece que ambos (motivo e tema) não são exclusivos da Bíblia, mas são recursos utilizados por diversos escritores até os dias de hoje.

Interessa-nos nesta pesquisa relacionar as teorias dos dois teóricos apresentados, percebendo que, se existem certas convenções literárias que moldam as obras literárias, e se essas obras estão repletas de imagens, símbolos, crenças e valores, então podemos pensar na hipótese de que os próprios motivos e temas devem ser reincidentes na história da literatura, ou seja, de que a imagem do fogo, por exemplo, assim como aparece relacionada à história de Sansão, deve aparecer de modo semelhante em outras histórias. Tal hipótese nos ajuda a compreender melhor como a teoria das convenções literárias apresentadas pelo crítico canadense se configura na prática. Para ele, como vimos, toda a literatura está interligada

através de imagens que se referenciam e se relacionam. Essa interligação compõe “lugares comuns”, territórios conhecidos que aparecem em diversas narrativas, mesmo com as suas diferenças particulares. Compreendendo os conceitos de tema e motivo propostos por vários teóricos, mas retomados e aplicados à Bíblia por Alter, podemos verificar que temas e motivos bíblicos acabam saindo da Bíblia e se apresentando em muitas outras obras.

III – CONSIDERAÇÕES ACERCA DE AUGUSTO MATRAGA

Antes de compararmos a história do nosso personagem, Augusto Matraga, com o apóstolo Paulo, vale fazer algumas considerações acerca da vida e obra de João Guimarães Rosa, bem como analisar algumas leituras já feitas sobre nosso corpus.

1. O Autor e a obra

João Guimarães Rosa, famoso escritor brasileiro, nasceu na cidade de Cordisburgo, em Minas Gerais, no ano de 1908. Ao longo de sua vida exerceu diversas profissões, entre elas foi médico, militar, cônsul e embaixador (Lima, 1996). Apesar das várias ocupações que teve durante a sua vida, é como escritor que ele viria a ser conhecido pelo Brasil e pelo mundo, tendo sido o autor de obras que até hoje são mundialmente estudadas. Sua obra mais conhecida é o romance *Grande Sertão: Veredas*, tendo sido traduzido para diversos idiomas, como o inglês, o espanhol e o alemão.

Entre a gigantesca bibliografia rosiana, encontramos o livro *Sagarana*, uma obra composta por nove contos⁴ que, embora não tenham uma conexão direta entre si, versam sobre temáticas em comum, como a dura vida no sertão mineiro. É interessante notar que o título da obra é um hibridismo inventado pelo autor, que é conhecido pelos seus inúmeros neologismos e suas brincadeiras com as palavras. Como observado por Walnice Nogueira Galvão, na introdução de uma das versões da obra (Rosa, 2019), *Saga* é um termo germânico que se refere a uma série de lendas ou histórias, já *rana* é um sufixo tupi que significa “à maneira de”. Neste sentido, o título da obra poderia ser “traduzido” como “ao modo das sagas”, isto é, histórias que pretendem assemelhar-se às sagas germânicas. Tal constatação é importante, pois nos ajuda a entender melhor o caráter “fabular” que os contos possuem.

⁴ Embora haja discussão no meio acadêmico acerca da natureza de algumas histórias do livro (se são contos ou novelas), preferimos aqui, por fins econômicos, utilizar o termo “conto” para se referir a todas as histórias presentes em *Sagarana*, independentemente do tamanho que elas possuem.

Em se tratando dos contos, o primeiro deles é “O burrinho Pedrês”, história que narra o afogamento de alguns vaqueiros; após ele temos “A volta do marido prodígio”, a história de um homem que abandona sua mulher para aproveitar a vida no Rio de Janeiro; Em “Duelo” temos a trágica e violenta morte de um homem que buscava vingança após ser traído por sua mulher; “Sarapalha” retrata a história de dois amigos atingidos pela malária; em “Minha gente”, após o protagonista visitar o seu tio, ele acaba se apaixonando pela sua prima, que não sente o mesmo; “São Marcos” retrata um conflito entre “José”, um homem que não acredita em feitiçarias, e um feiticeiro; em “Corpo fechado” também temos a presença de um feiticeiro que deseja obter uma mula pertencente a outro personagem; “Conversa de bois” narra a jornada de um carro de bois, sendo narrada em determinado momento pelos próprios bois. Por fim, “A hora e vez de Augusto Matraga” mostra a jornada do protagonista em busca da redenção e da salvação de sua alma.

Apresentados os contos, esta pesquisa escolheu o último deles “A hora e vez de Augusto Matraga”, para analisar, uma vez que encontramos nele vários elementos que o aproximam de uma tradição hagiográfica e vários símbolos provenientes da Bíblia. Como o intuito da nossa pesquisa é analisar as influências da Bíblia na literatura, tal conto serve muito bem a este propósito. Nele podemos perceber como temas e motivos bíblicos aparecem e se configuram na obra, ora como aproximação, ora como distanciamento. A fortuna crítica sobre este conto é muito grande, sendo considerado por muitos como um dos melhores trabalhos realizados por Guimarães Rosa. Segundo Antonio Cândido, crítico literário, sociólogo, ensaísta e professor, comparando “A hora e vez de Augusto Matraga” com o conto “Duelo”:

“Não é aí [Duelo], que devemos procurar a obra-prima do livro, mas no citado “Augusto Matraga”, onde o autor, deixando de certo modo a objetividade da arte-pela-arte, entra em região quase épica de humanidade e cria um dos grandes tipos da nossa literatura, dentro do conto que será, daqui por diante, contado entre os dez ou doze mais perfeitos da língua.” (Rosa, 2019, p. 337).

2. São Matraga: o santo guerreiro

Após esta breve introdução sobre o autor e o *corpus* da pesquisa, interessa-nos entender como os temas religiosos são analisados por parte da fortuna crítica que estuda a obra, a fim de nos fornecer subsídios críticos para compormos nossa própria análise.

O primeiro texto crítico sobre Augusto Matraga que utilizamos para compor esta pesquisa foi o ensaio *Matraga: sua marca*, presente no livro *Mínima Mímica: Ensaios sobre Guimarães Rosa*, de Walnice Nogueira Galvão. Nesse ensaio, a autora discute diversos elementos presentes no conto de Guimarães Rosa, dando um enfoque na simbologia religiosa presente na narrativa. Para ela, fica evidente, ao lermos o conto, que boa parte da composição da história tem como referência símbolos e imagens cristãs, sobretudo a associação da jornada do protagonista com as histórias de santos, muito populares a partir da idade média. “A narrativa de Guimarães Rosa é uma história pia, e como uma leitura pia dever lida, com todos os seus prodígios, presságios e simbologia” (Galvão, 2008, p. 74). No texto, a autora se propõe a analisar a marca que Augusto Matraga possui, apreendida nele pelos homens do Major Consilva, a ferro e fogo. Essa marca, que é um triângulo inscrito em uma circunferência, servia para marcar o gado do major, e é violentamente colocada na “polpa glútea direita” (Rosa, 2019) do personagem principal, após ele apanhar dos homens do Major, e antes de ser lançado morro abaixo, para morrer.

A autora do ensaio aponta a importância de se diferenciarem dois tipos de marcas: aquelas de ignomínia e aquelas de pertença. Para ela, a marca de ignomínia é utilizada para marcar criminosos, escravos, animais, objetos, ou qualquer outra coisa que tenha um dono, um proprietário. Essa marca está relacionada com a vergonha de quem a possui e o preconceito de quem a vê nos outros, tal como as identificações para com os judeus na segunda guerra mundial (Galvão, 2008). Na análise da autora, esta é a primeira versão da marca de Augusto Matraga: um símbolo de vitória por parte do Major Consilva, que derrotara o seu inimigo, o marcara com sua própria marca, e ainda em lugar tão humilhante.

No entanto, ao longo do conto, percebemos que o personagem sobrevive e passa por uma completa mudança de vida, uma verdadeira conversão. Nesta conversão, vemos que o outrora arrogante e orgulhoso Augusto Estêves dá lugar ao pacato Nhô Augusto, sujeito simples e bondoso, que busca fazer o bem para pagar pela sua vida de pecados, prosseguindo em uma jornada que o irá levar ao bem supremo, isto é, o sacrifício da própria vida a fim de salvar um desconhecido. Neste momento, a autora do ensaio percebe que a marca passa a representar outra coisa, e outro tipo de marca se faz presente: a marca de pertença. Diferente da primeira, esta marca está ligada a alguma coisa própria da natureza do personagem, ou que o identifica com algo maior. A professora cita como exemplo as tatuagens feitas pelos marinheiros e presidiários, que os identificam como pertencentes a certo grupo. Para ela, a marca de Matraga, após sua “conversão”, está muito relacionada com um tipo específico de marcas de pertença: os estigmas. Presentes na tradição católica romana e em algumas outras

tradições cristãs, os estigmas são ferimentos, marcas, sinais ou manchas que algumas pessoas possuem e que as identificam com os ferimentos de Cristo. Na tradição, tais marcas revelam uma intimidade tão próxima do fiel para com Cristo, que aquele começa a sentir e manifestar em seu corpo parte dos ferimentos deste. Walnice Nogueira Galvão defende que a marca de Matraga, primeiramente o símbolo de sua vergonha, vai se transformar nesse estigma; e, assim como Cristo se sacrificou pelo seu povo, o personagem irá, ao final, se sacrificar, se assemelhando aos mártires cristãos.

Ao morrer na nona hora após a crucifixão, Cristo apresentava as seguintes feridas: chagas nas duas mãos e nos dois pés, outra lateral no peito, escoriações na frente e ao redor da cabeça, lacerações dos açoites nas costas e hematomas no ombro direito causado pelo peso da cruz enquanto a transportava. Todas essas feridas são ignominiosas, (...). Tomé, se recusava a acreditar que Jesus Cristo ressurgia dentre os mortos e estava novamente vivo. Por isso, declarou: “Se eu não vir o sinal dos cravos em suas mãos e não meter o dedo no lugar dos cravos, e não meter a minha mão no seu lado, de maneira nenhuma creerei”. Mas oito dias depois Jesus Cristo apareceu aos apóstolos reunidos e Tomé foi obrigado a crer em sua ressurreição, servindo as marcas como objeto de anagnórise. (...). Os estigmas infamantes passaram a senha de reconhecimento do milagre da ressurreição. Muitos e muitos séculos mais tarde, uma personagem de ficção, o Matraga, também saberá transformar sua marca de ignomínia em marca de pertença. (Galvão, 2008, p. 63-64)

Temos aqui uma ilustração muito clara sobre a transformação de uma marca de ignomínia em uma de pertença: as chagas e marcas de Jesus, após a crucificação. Aquilo que o envergonhava passa para o seu corpo glorificado (após a ressurreição) e serve agora como provas de que Ele é quem diz ser. Segundo a autora, o mesmo processo acontece com Matraga. Embora a análise da marca de Augusto Matraga seja o objetivo principal de seu ensaio, a autora acaba explanando vários outros temas que iremos, no decorrer da pesquisa, retomar, como as partes em que a professora faz comparações interessantes entre Augusto Matraga e o apóstolo Paulo.

Outro texto utilizado para nossa análise do conto foi o artigo “O herói rosiano: Augusto Matraga, da violência à santidade”, de Vanessa Riambau. Neste artigo, a autora pensa, entre outras coisas, no conto de Guimarães Rosa como um romance de formação. Baseando-se em Georg Lukács, o artigo mostra como a jornada de vida do protagonista da história se parece, em sua estrutura, com os romances que se preocupam em contar a história

de um personagem, geralmente o desenvolvimento de sua personalidade. Segunda a definição do próprio Lukács:

Seu tema é a reconciliação do indivíduo problemático, guiado pelo ideal vivenciado, com a realidade social concreta. Essa reconciliação não pode nem deve ser uma acomodação ou uma harmonia existente desde o início (...). Tipo humano e estrutura da ação, portanto, são condicionados aqui pela necessidade formal de que a reconciliação entre interioridade e mundo seja problemática, mas possível. (Lukács, 2000, p. 138 *apud* Riambau, 2006, p. 4).

A autora aponta que, no conto, essa jornada de formação acontece como uma jornada rumo à santidade. Augusto Esteves, esse “indivíduo problemático”, passa por um processo em que vamos acompanhando o seu amadurecimento, a sua formação, até conseguir equilibrar os mundos interno e externo (Riambau, 2006). Esse equilíbrio se dá, na visão da autora, quando Augusto Matraga se reconcilia com sua natureza agressiva do passado, mas agora utiliza esta natureza para fazer o bem e salvar a vida de um idoso, se tornando assim uma espécie de “paladino” da justiça, um guerreiro que usa a violência em prol do bem. Se antes Augusto Matraga renunciava a todas as tentações que o queriam levar de volta para uma vida de brigas, agora ele mesmo iria começar a briga, mas lutando por um ideal que julgava ser o correto. Esse caráter do santo-guerreiro também é apontado por Walnice Nogueira Galvão, em seu ensaio já citado, no qual ela mostra como podemos entender a existência, na tradição cristã, de santos-ascetas e santos-guerreiros, sendo Augusto Matraga um exemplo literário do segundo. Em suas palavras: “Matraga atravessa minuciosamente todo o processo da santidade; mas os esforços para ser asceta contrariam sua índole. Ele é um guerreiro, e é como guerreiro que irá se tornar santo.” (Galvão, 2008, p. 72)

Ambos os artigos nos forneceram subsídios críticos para podermos analisar mais profundamente o conto, relacionando-o com a história do apóstolo Paulo. Essa distinção entre o santo guerreiro e o santo asceta, presente em ambos os artigos, foi de suma importância para compreendermos melhor uma das principais diferenças entre os dois personagens objetos de análise desta pesquisa.

IV – OS PIORES DOS PECADORES

1. A vida pregressa

A primeira aparição de Saulo, futuro apóstolo Paulo, se dá no livro de Atos, em um contexto de perseguição e martírio. Na cena, que se passa nos capítulos 7 e 8, assistimos ao trágico julgamento de Estevão, primeiro mártir cristão, que é apedrejado após pregar o Evangelho e dizer que estava vendo “os céus abertos, e o filho do Homem, de pé, à direita de Deus” (Bíblia, 2002, At 7: 56), algo considerado uma blasfêmia pelo judaísmo do primeiro século. Após essa afirmação, os judeus que o ouviam se lançam contra ele, o arrastam para fora da cidade e lá o apedrejam. Lucas⁵ nos diz que aqueles que testemunharam as coisas ditas por Estevão foram até um jovem chamado Saulo e colocaram seus mantos próximos a ele, talvez para ficarem mais livres para o apedrejamento. E então temos a primeira sentença que diz algo sobre Saulo:

E apedrejaram Estevão, enquanto ele dizia esta invocação: “Senhor Jesus, recebe meu espírito”. Depois, caindo de joelhos, gritou em voz alta: “Senhor, não lhes leves em conta este pecado.” E, dizendo isto, adormeceu. Ora, Saulo estava de acordo com a sua execução. (Bíblia, 2002, At 7:59 – 8:1a)

É interessante notarmos o contraste que o autor bíblico faz nesta cena: de um lado temos Estevão, homem piedoso, que morre de maneira violenta, mas, à semelhança de Cristo, intercede na hora da morte pelos seus algozes. Do outro lado, Saulo passivamente guarda as roupas dos apedrejadores, consentindo longe com toda aquela violência, satisfeito com a aplicação da justiça e lei divinas àquela alma que ousara blasfemar.

Vale ressaltar a posição que o jovem Saulo ocupava neste contexto. Embora não tenhamos nada a respeito disso nessa parte de Atos, sabemos, pela carta escrita à igreja na cidade de Filipos, na antiga Macedônia, que tem sua autoria atribuída no meio teológico e acadêmico ao apóstolo Paulo, que ele era um fariseu⁶:

Aliás, eu poderia, até, confiar na carne. Se algum outro pensa que pode confiar na carne, eu ainda mais: circuncidado ao oitavo dia, da raça de Israel, da tribo de benjamim, hebreu filho de hebreus; quanto à Lei, fariseu, quanto ao zelo, perseguidor

⁵ O autor, segundo a tradição teológica cristã, do evangelho de Lucas e de sua sequência direta, o livro de Atos. Na introdução ao livro, na versão da Bíblia de Jerusalém, lemos: “É razoável supor que Lucas não recebeu esses discursos tais como são, mas que os compôs utilizando alguns temas essenciais da pregação primitiva apoiados com argumentos que se tornaram tradicionais e foram vertidos em fórmulas memorizadas: florilégios de textos escriturísticos para os judeus, reflexões de filosofia comum para os gregos, e para todos o anúncio (kerygma) de Cristo morto e ressuscitado, com convite à conversão e ao batismo.” (Bíblia, 2002, p. 1897).

⁶ Grupo político e religioso de maior influência na época em que se passa o novo testamento. Possuíam um caráter isolacionista e de segregação para com outros povos que não seguissem as suas leis. Em hebraico, o próprio termo quer dizer “isolado”, “separados”. (Schach, 2007).

da Igreja; quanto à justiça que há na Lei, irrepreensível. (Bíblia, 2002, Fl 3:4-6)

No contexto dessa passagem, o apóstolo está discutindo como ele, que tinha inúmeras “vantagens” dentro da sociedade judaica, vai renunciar a tudo a fim de seguir a Cristo. Interessa-nos perceber como Paulo (na época narrada por Atos, Saulo) se enxergava: um exímio cumpridor da lei, “irrepreensível”, perseguidor da igreja e fariseu. A sequência da narrativa no livro de Atos continua fazendo a distinção que serve para caracterizar o personagem introduzido, ao comparar a atitude dos cristãos para com o corpo morto de Estevão, com o que fazia Saulo: “Entretanto, alguns homens piedosos sepultaram Estevão, fazendo grandes lamentações por ele. Quanto a Saulo, devastava a Igreja: entrando pelas casas, arrancava homens e mulheres e metia-os na prisão” (Bíblia, 2002, At 8: 2-1). Podemos notar esse contraponto apresentado com a vívida imagem do choro dos cristãos: lamentavam por Estevão e eram devastados por um homem que os lançava no cárcere.

No conto de Guimarães Rosa, a caracterização do personagem começa na primeira linha do primeiro parágrafo, pelo seu nome. Notaremos no decorrer do texto como os nomes serão importantes em ambas as narrativas. O conto começa com a afirmação de que “Matraga não é Matraga, não é nada” (Rosa, 2019, p. 293), aludindo ao fato de que o personagem que será apresentado ainda não é o Augusto Matraga do título, mas se trata de Augusto Estêves, apresentado como filho de um finado coronel, possuidor de duas fazendas (Rosa, 2019). Após essa breve descrição, o conto começa em um leilão atrás de uma igreja, logo após uma missa. O que era vendido nesse leilão? Duas moças. Após uma descrição do leilão vemos a chegada do protagonista, descrito da seguinte forma:

(...) e Nhô Augusto, alteado, peito largo, vestido de luto, pisando pé dos outros e com os braços em tenso, angulando os cotovelos, varou a frente da massa, se encarou com a Sariema, e pôs-lhe o dedo no queixo. Depois, com voz de meio-dia, berrou para o leiloeiro Tião:
- Cinquenta mil-réis!... (Rosa, 2019, p. 294).

O leilão discutia o preço da venda da moça apelidada Sariema, a última oferta tinha sido de cinco mil réis, e aqui, meio do nada, vemos a chegada desse homem: orgulhoso, altivo, que não se importa em ver para onde está andando e nem pede desculpas ao pisar no pé dos outros, que chega colocando o dedo no queixo da moça e multiplicando em dez vezes o último valor leiloado, mostrando sua posição de autoridade. Ao término do leilão, Augusto Estêves sai com a mulher, bate e humilha publicamente um personagem (o capiau) que, por

gostar da Sariema, tenta fugir com ela, e no final ainda repudia a mulher que tinha comprado no leilão, por achá-la com “perna de manuel-fonseca, uma fina e outra seca!” (Rosa, 2019, p. 296), e retorna sozinho.

Percebemos, no personagem, um homem arrogante e determinado, insensível aos sentimentos dos outros, igual a Saulo, que olha um apedrejamento e nada sente. Diferente do futuro apóstolo, no entanto, Augusto Estêves não é passivo: ele não apenas observa a maldade, mas é o próprio a praticar.

Ao chegar em sua casa, o protagonista descobre que sua mulher, junto com a sua filha, o abandonara, indo morar com Ovídio Moura, um homem que, diferente do marido, a amava e a respeitava. O narrador nos mostra qual o pensamento da esposa de Matraga, Dona Dionóra, sobre o marido:

Duro, doido e sem sentença, como um bicho grande do mato. E, em casa, sempre fechado em si. Nem com a menina se importava. Dela, Dionóra, gostava, às vezes; da sua boca, das suas carnes. Só. No mais, sempre com os capangas, com mulheres perdidas, com o que houvesse de pior. (...) ele tinha outros prazeres, outras mulheres, o jogo do truque e as caçadas. E sem efeito eram sempre as orações e promessas, com que ela o pretendia trazer, pelo menos, até o caminho direito. (Rosa, 2019, p. 297)

Augusto Estêves, assim como Saulo, é descrito como alguém que destoa dos motivos presentes nas suas respectivas obras. Em Saulo temos a distinção entre os homens piedosos e ele, alguém que considerava justo o que fazia, em nome da sua fé. Em Matraga, um homem arrogante e cheio de si, com visível falta de empatia, bruto e que é quase uma cópia do seu pai, um valente coronel. O contraponto aqui é entre as figuras femininas e masculinas em sua vida: aquelas são piedosas e sensatas, estas, tolas e brutas. Sua esposa reza para que ele volte ao bom caminho e sua avó gostaria que o menino fosse padre. Já seu pai era ausente, seu tio, um criminoso, seu sogro, um leso. (Rosa, 2019)

Temos, em ambos os textos, a imagem desses personagens apáticos, frios, maldosos e ímpios, que contrastam com outros personagens ao seu redor. Tal caracterização servirá para um propósito literário ainda maior, quando ambos serão submetidos a uma situação que os provará e os levará a repensarem sua maneira de viver. Vejamos.

2. A queda e a nova vida

A história de Saulo, ardente perseguidor da igreja cristã primitiva, muda completamente de rumo no capítulo 9 do livro de Atos. Nos dois primeiros versículos somos informados do contexto: é relatado que Saulo vai até o Sumo Sacerdote para pedir que este lhe autorize ir à cidade de Damasco para prender todos aqueles que fossem seguidores de Cristo. É interessante atentarmos para duas descrições feitas pelo autor do livro à pessoa de Saulo: a primeira é no primeiro capítulo, em que é dito que Saulo está “respirando ainda ameaças de morte contra dos discípulos do Senhor.” (Bíblia, 2002, At 9:1a). A segunda, logo em seguida, quando é enfatizado que Saulo desejava prender qualquer um que seguisse a Cristo, “quer homens, quer mulheres.” (Bíblia, 2002, At 9:2b).

Após ficar implícito que Saulo recebeu a autorização para partir rumo a cidade de Damasco, o versículo 3 nos mostra que essa jornada não ocorreu como ele esperara:

Estando ele em viagem e aproximando-se de Damasco, subitamente uma luz vinda do céu o envolveu de claridade. Caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: “Saul, Saul, por que me persegues?” Ele perguntou: “Quem é, Senhor?” E a resposta: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Mas levanta-te, entra na cidade, e te dirão o que deves fazer. Os homens que com ele viajavam detiveram-se, emudecidos de espanto, ouvindo a voz mas não vendo ninguém. Saulo ergue-se do chão. Mas, embora tivesse olhos abertos, não via nada. Conduzindo-o, então, pela mão, fizeram-no entrar em Damasco. Esteve três dias sem ver, e nada comeu nem bebeu.” (Bíblia, 2002, At 9:3-9)

Temos aqui uma epifania: Cristo ressurreto, a quem Saulo tanto perseguia, agora se manifesta a ele, chegando a aparecer para ele, como ele mesmo revela na carta de 1º Coríntios (Bíblia, 2002, 1Co 9:1). Notamos que uma luz muito forte o cega e o derruba do cavalo. Após isso, Saulo escuta a voz que lhe pergunta o motivo de toda aquela perseguição e, após ser questionado quem era, a voz responde ser justamente Cristo, a quem Saulo tanto odiava. É importante percebermos que a luz e a voz foram experiências coletivas, vistas e ouvidas também pelos homens que viajavam com Saulo, mas que esses não viram mais nada, sendo apenas Saulo que viu o próprio Cristo, o que virá a ser, por um tempo, a última coisa que ele irá ver, uma vez que, após se levantar, ele percebe estar cego. Interpretamos a cegueira aqui como uma metáfora para a própria condição atual de Saulo, um judeu zeloso pelas suas leis que agora fora completamente ofuscado pela luz de uma verdade que ele não gostaria de reconhecer: o Cristo que ele tanto perseguia realmente havia ressuscitado. Temos aqui uma

imagem utilizada outras vezes na Bíblia: a cegueira relacionada não com a escuridão, mas com a luz: uma luz tão fulgurante que não se pode olhar.

O livro de Atos (Bíblia, 2002, At 9) nos relata que um outro personagem, Ananias, um discípulo de Cristo e morador de Damasco, tem uma visão em que Cristo lhe diz para ir ao encontro de Saulo e cuidar dele, contando a ele o evangelho. De imediato Ananias estranha aquele pedido, alegando que Saulo era conhecido por perseguir a igreja e que todos sabiam que o motivo de ele estar ali, em Damasco, era o de prender os cristãos, ao que Cristo responde que está ciente de tudo isso, porém “Este homem é para mim um instrumento de escol para levar o meu nome diante das nações pagãs, dos reis, e dos israelitas. Eu mesmo lhe mostrarei quanto é preciso sofrer em favor do meu nome.” (Bíblia, 2002, At 9:15-16)

Ananias obedece e se encontra com Saulo, impondo as mãos sobre ele e informando-o acerca de que o próprio Cristo, o mesmo que aparecera a Saulo no caminho, lhe ordenara que fosse se encontrar com ele. Nesse momento, Lucas nos revela que “caíram-lhe dos olhos umas como escamas, e recuperou a vista.” (Bíblia, 2002, At 9:18). Saulo, após recuperar a visão, fica alguns dias com os discípulos e começa a visitar as sinagogas da cidade, agora para anunciar que Jesus é o Filho de Deus (Bíblia, 2002, At 9). Os homens da cidade, no entanto, logo estranham aquele homem estar anunciando uma mensagem que antes perseguia e odiava. Apesar disso, o livro de Atos narra que Saulo anunciava cada vez mais o evangelho, vindo a, após alguns dias, sofrer justamente o que ele ocasionava às outras pessoas, após alguns judeus na cidade planejaram como o poderiam matar, o que faz com que Saulo tenha de fugir escondido pelos muros da cidade.

Todos os que ouviam ficavam estupefatos e diziam: “Mas não é este o que devastava em Jerusalém os que invocavam esse nome, e veio para cá expressamente com o fim de prendê-los e conduzi-los aos chefes e sacerdotes? Saulo, porém, crescia mais e mais em poder e confundia os judeus que moravam em Damasco, demonstrando que Jesus é o Cristo. Decorridos muitos dias, os judeus deliberavam entre si como matá-lo. Mas Saulo teve conhecimento dessa trama. Vigiam até as portas da cidade, de dia e de noite, para o matarem. Então os discípulos, uma noite, fizeram-no descer pela muralha, oculto num cesto. (Bíblia, 2002, At 9:21-25)

Após esse momento, a história de Saulo será marcada por inúmeras outras perseguições, prisões e sofrimentos, porém o livro de Atos também focará em como ele foi uma das figuras principais para levar o evangelho para além dos muros de Jerusalém. Esse homem, outrora perseguidor, agora passa a levar uma vida de trabalho e sofrimento em prol

do evangelho que ele perseguia, se privando de inúmeros confortos e prazeres para dedicar sua vida inteiramente a Cristo. No capítulo 13 (Bíblia, 2002, At 13), Lucas passa a se referir a Saulo pelo nome de Paulo sem nenhum motivo aparente, servindo para reforçar a ideia de que o apóstolo não é mais aquele homem dos capítulos anteriores, mas um novo homem, que tem como missão levar o evangelho aos confins do mundo conhecido.

Verificando o capítulo 26 de Atos, percebemos que a missão de Paulo, seu propósito de vida, lhe fora passado pelo próprio Cristo. No contexto, Paulo está preso, diante do Rei Agripa, rei da Judeia, sendo indiciado de possíveis crimes contra o império Romano e contra as leis dos judeus. Em sua defesa, Paulo reconstrói o momento em que Cristo aparecera a ele, informando ainda mais coisas do que o que está no relato inicial:

“E o Senhor respondeu: ‘Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Mas levanta-te e fica firme em pé, pois, este é o motivo por que te apareci: para constituir-te servo e testemunha da visão na qual me viste e daquelas nas quais ainda te aparecerei. Eu te livrarei do povo e das nações gentias, às quais te envio para lhes abrires os olhos e assim se converterem das trevas à luz, e da autoridade de Satanás para Deus. De tal modo receberão, pela fé em mim, a remissão dos pecados e a herança entre os santificados.’ Quanto a mim, rei Agripa, não me mostrei rebelde à visão celeste. Ao contrário, primeiro aos habitantes de Damasco, aos de Jerusalém e em toda a região da Judeia, e depois aos gentios, anunciei o arrependimento e a conversão a Deus, com a prática de obras dignas desse arrependimento.” (Bíblia, 2002, At 26:16-20)

No conto de João Guimarães Rosa, encontramos uma estrutura semelhante, em que o protagonista, após um episódio de confronto, muda sua maneira de viver. Na obra, após descobrir que sua esposa lhe havia abandonado para ir morar com outro homem, Nhô Augusto manda que Quim recadeiro vá chamar os seus homens, ao que este, após retornar, responde que seus homens não virão, que eles não queriam mais servir a Nhô Augusto e que agora eles eram homens do Major Consilva, que lhes estava pagando bem (Rosa, 2019). Irado, Nhô Augusto decide, antes de ir matar sua esposa e o amante, passar na fazenda do Major Consilva para pegar os seus capangas de volta. Nesse momento do conto é interessante analisarmos um posicionamento do narrador, que nos ajuda a entendermos melhor a personalidade de Nho Augusto. Segundo o narrador:

Quase qualquer um capiau outro, sem ser Augusto Estêves, naqueles dois contratempos teria percebido a chegada do azar,

da unhaca e passaria umas rodadas sem jogar, fazendo umas férias da vida: (...).

Mas Nhô Augusto era couro ainda por curtir, e para quem não sai, em tempo, de cima da linha, até apito de trem é mau agouro. Demais, quando tem que pegar o gasto, desembesta até ao fim. E, desse jeito, achou que não era hora para ponderados pensamentos. (...) antes de ir à Mombuca, para matar o Ovídio e a Dionóra, precisava de cair com o Major Consilva e os capangas. (Rosa, 2019, p. 301).

Percebemos aqui que o narrador já prenuncia o que virá em seguida, que ir atrás dos seus homens, que estavam com o Major Consilva, não era ideia nada boa, e que isso só poderia resultar em tragédia, justo o que aconteceu. Nhô Augusto vai até o Major, adentrando sua chácara, montado em seu cavalo, e é recebido com risadas por parte do Major, que zomba dele e o chama de “cachorro”. Nhô Augusto apressa o cavalo na direção do Major, mas este, com um aceno de cabeça, ordena que os seus capangas saiam da estrada onde estavam escondidos e se lancem sobre Nhô Augusto, enchendo-o de pancadas e derrubando-o do cavalo. Após a queda, a desgraça do personagem só aumenta. Sua surra o leva a quase morte e, como não bastasse, o Major ordena que o marquem com ferro na nádega direita. “E, aí, quando tudo esteve a ponto, abrasaram o ferro com a marca do gado do major (...), e imprimiram-na, com chiado, chamusco e fumaça, na polpa glútea direta de Nhô Augusto.” (Rosa, 2019, p. 303). Após a dor de ser marcado com ferro e fogo, Nhô Augusto se lança do precipício onde estava, rolando morro abaixo, o que levou os capangas do Major a considerarem que ele estava morto.

Aqui podemos notar semelhanças e diferenças com o processo parecido pelo qual passou o apóstolo Paulo. Ambos estavam indo em direção a um lugar para “fazerem a justiça”, ambos foram surpreendidos por algo que eles não esperavam encontrar, ambos caíram do cavalo e ambos tiveram seu corpo marcado por algo que assumirá outro significado: a cegueira de Paulo será curada após este ter contato com o evangelho, a marca de ignomínia se transformará em marca de pertença. Apesar disso, percebemos uma grande diferença na intensidade desses dois acontecimentos: em Atos, a luz derruba Saulo do cavalo e o deixa cego, mas se apresenta a ele e já lhe informa o que deveria fazer. Além disso, sua dor é menos física do que psicológica, tendo sido suas convicções e não o seu corpo que fora destruído. Algo bem diferente acontece com o personagem rosiano, que enfrenta uma derrota completamente física, apanhando dos seus próprios homens e sendo colocado em uma posição de vergonha e fraqueza, posição que fora ele quem colocara os outros desde o início do conto, como podemos perceber no seu trato com o Capiáu, personagem que apanha de Nhô Augusto

no leilão, e com a Sariema. O capiau, inclusive, é um dos personagens presentes enquanto Nhô Augusto apanha, sendo o responsável por preparar o fogo que aquecera o ferro.

Tal como Ananias, que é enviado por Deus para consolar e pregar o evangelho a Saulo, o conto nos apresenta agora dois personagens, apresentados aqui como dois “pretos velhos”, que, após os homens do Major irem embora, pegam o corpo moribundo de Nhô Augusto e o levam para a sua casa, passando a cuidar dele. “Encontrou vida funda no corpo tão maltratado do homem branco; chamou a preta, mulher do preto que morava na boca do brejo, e juntos carregaram Nhô Augusto para o casebre dos dois, (...)” (Rosa, 2019, p. 303).

Neste pequeno casebre Nhô Augusto vai aos poucos se recuperando. Passa alguns dias desacordado e aos poucos vai recuperando os sentidos, sentindo as dores e a queimadura do ferro. Após algum tempo passa a sentir uma enorme tristeza, lembrando-se e sentido falta da sua filha e da sua esposa. Ao ver o desespero do homem, mãe Quitéria, nome da personagem negra, repreende, dizendo para Nhô Augusto rezar a Deus, que Ele podia endireitar tudo. Após mais alguns meses de tristeza e dor, Nhô Augusto se lamenta, imaginando se ele “ao menos pudesse ter a absolvição dos meus pecados!...” (Rosa, 2019, p. 305). Nesse momento os pretos conseguem trazer um padre para conversar com Nhô Augusto, e aqui temos um dos momentos chave do conto, quando o padre vai lhe dizer, igual Cristo faz com o apóstolo Paulo, qual o seu novo propósito de vida:

Você não deve pensar mais na mulher, nem em vinganças.
Entregue para Deus e faça penitências. (...)
- Fé eu tenho, fé eu peço, Padre...
- Você nunca trabalhou, não é? Pois, agora, por diante, cada dia de Deus você deve trabalhar pro três, e ajudar os outros, sempre que puder. Modere esse mau gênio: faça de conta que ele é um poldro bravo, e que você é mais mandante do que ele... Peça a Deus assim, com esta jaculatória: “Jesus, manso e humilde de coração, fazei meu coração semelhante ao vosso...” (Rosa, 2019, p. 306)

Mais à frente, vemos o padre dizendo a frase que dará título ao conto: “E você ainda pode ter muito pedaço bom de alegria... Cada um tem a sua hora e a sua vez: você há de ter a sua.” (Rosa, 2019, p. 306). Nestas citações, semelhante ao ocorrido com Saulo, percebemos que o personagem, outrora cheio de uma vida de maldades, agora deve concentrar suas forças em fazer o bem. Cristo diz para Ananias que Saulo seria um instrumento em suas mãos e que Saulo ainda iria ver “quanto é preciso sofrer em favor do meu nome.” (Bíblia, 2002, At 9: 16b); de forma semelhante, o padre ajuda Nhô Augusto a entender o seu novo propósito de vida, a que deveria dedicar agora a sua existência. Apesar da semelhança, podemos notar que

o processo de nova vida a qual Paulo é submetido não é tanto de castigo, e sim o cumprimento de uma sina. Cristo diz que irá realizar grandes coisas no mundo por meio de Saulo, e que ele agora, convertido, será instrumento de Deus. Em Nhô Augusto a situação é diferente: não importa muito qual o seu destino, qual a promessa feita para a sua vida, apenas importa que ele consiga expiar essa vida de pecados que, segundo o padre, pode ser redimida com muito esforço. Fazer o bem vira a penitência a qual Nhô Augusto é submetida.

Após a conversa com o padre, percebemos uma visível mudança no comportamento de Nhô Augusto. Mesmo que não seja definitiva, e o personagem vá sofrer algumas recaídas ao ser lembrado de sua vida pregressa, ainda assim ele passa a viver todos os dias buscando cumprir rigorosamente os conselhos do padre, fazendo de tudo para se esquecer do seu eu do passado e esperando pela sua “hora e sua vez”. Como mostrou o professor Arturo Gouveia:

No conto rosiano, Nhô Augusto é obrigado a desfazer-se de sua velha formação, declarar-se morto, como o confessa a Tião da Theresa, e suportar todas as angústias e vergonhas como etapas necessárias ao emergir de uma nova identidade. O seu abandono, portanto, é simbolicamente interpretável como caminho para Deus, não motivo de desespero. O padre que o aconselha tem essa interpretação, assim como a sinceridade dos pretos velhos também aponta nessa perspectiva. (Gouveia, 2021, p. 115-116).

Podemos observar que, neste trecho, Gouveia (2021) destaca que Nhô Augusto, ao abandonar sua antiga vida, dando-a, inclusive, por morta, não entra em desespero: o abandono é em prol de algo maior do que ele. Sua própria identidade passa, a partir da conversão, a não importar tanto assim, pois agora o que mais interessa é conseguir alcançar a salvação.

3. Martírio e canonização

Desde a apresentação do apóstolo Paulo na violenta cena da morte de Estevão, o foco do livro de Atos parece mudar. O que antes estava relacionado com a história dos primeiros acontecimentos envolvendo os apóstolos de Cristo, passa a focar na história do próprio Paulo, e de todos os seus feitos e suas viagens pelo mundo antigo, pregando o evangelho. Acompanhamos suas prisões pelos romanos e judeus, seus debates com os filósofos gregos em Atenas, suas fugas na calada da noite, seu naufrágio no mar mediterrâneo, além de muitos outros acontecimentos que marcaram a vida deste personagem. Se pegarmos os conceitos discutidos por Riambau (2006), sobre os romances de formação, poderíamos dizer que, do capítulo 7 em diante, o livro de Atos parece falar, entre outras coisas, sobre a formação do

perseguidor enquanto apóstolo, sentindo na pele o que Cristo irá lhe dizer: “quanto é preciso sofrer em favor do meu nome.” (Bíblia, 2002, At 9: 16b). O ápice desse sofrimento, diferente do que se poderia imaginar, não termina no fim do livro, mas fica subentendido, sendo do conhecimento dos leitores do texto de Atos que conheciam as histórias contadas oralmente e sabiam o fim que levava o apóstolo.

Atos termina com Paulo preso, chegando em Roma para mais um julgamento, após ter sofrido um naufrágio e passado alguns dias na ilha de Malta. As palavras finais do livro são:

Paulo ficou dois anos inteiros na moradia que havia alugado. Recebia todos aqueles que vinham visitá-lo, proclamando o Reino de Deus e ensinando o que se refere ao Senhor Jesus Cristo com toda a intrepidez e sem impedimento. (Bíblia, 2002, At 28:30-31).

Os comentaristas da Bíblia de Jerusalém (2002) explicam que, embora seja incerta, a tradição da igreja, transmitida pela oralidade entre os crentes nos primeiros séculos, aponta que Paulo teria sido morto em Roma sob o governo de Nero, nos anos de 64 ou 67 d.C. Nicholas Thomas Wright, professor de Novo Testamento da universidade escocesa de St Andrews, em sua biografia sobre Paulo, afirma que a hipótese mais aceita sobre o martírio de Paulo ter sido no ano de 64 d.C, na perseguição empreendida por Nero contra os cristãos que viviam em Roma, após o incêndio na cidade. Nas palavras do teólogo, “Paulo, como cidadão, teria direito a uma morte rápida por decapitação com uma espada em vez da tortura vagarosa e terrível que Nero infligiu sobre muitos outros, (...)” (Wright, 2018, p. 433). Percebemos que Paulo estava ciente de seu possível martírio, como fica evidente ao analisarmos a carta de 2º Timóteo, em que Paulo, escrevendo para o seu jovem “pupilo”, diz a famosa frase pelo qual ficará conhecido:

Quanto a mim, já fui oferecido em libação, e chegou o tempo de minha partida. Combati o bom combate, terminei a carreira, guardei a fé. Desde já me está reservada a coroa da justiça, que me dará o Senhor, justo juiz, naquele dia; e não somente a mim, mas a todos os que tiverem esperado com amor sua Aparição. (Bíblia, 2002, 2 Tm 4:6-7)

Notamos aqui como Paulo estava consciente sobre o seu próprio martírio. Apesar disso, não parece ser este o intuito de Lucas ao escrever Atos, isto é, exaltar a figura de Paulo narrando-lhe o fim. Antes, o foco é muito mais na vida do apóstolo, que enfrenta inúmeras dificuldades por Cristo. O martírio final parece ser uma conclusão óbvia da jornada de Paulo,

sendo, portanto, deixada um pouco de lado, não se constituindo o cerne da jornada do apóstolo, que, embora não há busque, parece aguardar, passivamente, sua morte. Algo bem diferente acontece na jornada de Nhô Augusto. Vejamos.

“Eu vou p’ra o céu, e vou mesmo, por bem ou por mal!... E a minha vez há de chegar... P’ra o céu eu vou, nem que seja a porrete!...” (Rosa, 2019, p. 307). Essa frase, dita por Nhô Augusto ajoelhado no meio da estrada, com os braços abertos, parece ser uma espécie de profecia que antecipa o fim do conto, e irá ter seu cumprimento quanto, após uma jornada sem rumo montando, tal como Cristo, em um jumentinho, Nhô Augusto chega às terras do Rala-Coco. Ao chegar, o personagem nota que está acontecendo uma agitação e logo descobre o motivo: Joãozinho Bem-Bem, que Nhô Augusto conheceu anteriormente e com o qual se dera muito bem, junto com os seus homens, estava ali, dentro da casa de um dos moradores da região. O morador em questão era pai de um homem que matara, “à traição”, um dos membros do bando de Joãozinho Bem-Bem. O jagunço fora ali para fazer justiça, matando um dos filhos do velho pai e entregando suas filhas para seus homens, conforme podemos ver na citação a seguir, em que o jagunço diz ao velho: “Um dos dois rapazinhos seus filhos tem de morrer, de tiro ou à faca, e o senhor pode é escolher qual deles é que deve pagar pelo crime do irmão. E as moças... Para mim não quero nenhuma, que mulher não me enfraquece: as mocinhas são para os meus homens...” (Rosa, 2019, p. 329).

Durante a cena, Nhô Augusto está dentro da casa, vendo tudo, segurando a espingarda que pertencia ao Jureminho, o capanga que fora morto, e com a proposta de ele, Nhô Augusto, assumir o lugar do finado. Percebemos que a proposta feita pelo líder do bando é tentadora, e o protagonista parece flertar com a possibilidade de aceitar a ideia. Porém, rezando brevemente, ele logo nega a proposta, se lembrando dos anos passados desde o ocorrido nas terras no Major Consilva. (Rosa, 2019).

Ouvindo a sentença pronunciada por Joãozinho Bem-Bem, Nhô Augusto pede que ele reconsidere, que esqueça aquilo e deixe tudo de lado. O jagunço evidentemente nega e aqui temos um momento de tensão, quando Nhô Augusto, rindo, diz: “Pois então... – e Nhô Augusto riu, como quem vai contar uma grande anedota - ...Pois então, meu amigo seu Joãozinho Bem-Bem, é fácil... Mas tem que passar primeiro por riba de eu defunto...” (Rosa, 2019, p. 329). Antes mesmo de que o líder do bando respondesse, Teófilo Sussuarana, um dos capangas, parte para cima de Nhô Augusto, que parece gostar daquilo tudo, reconhecendo que hora e sua vez, prenunciada pelo padre, finalmente havia chegado. Podia morrer, mas estava morrendo fazendo o bem, protegendo aquela família.

Epa! Nomopadrofilhospritosantamêin! Avança, cambada de filhos-da-mãe, que chegou minha vez!...

E a casa matraquejou que nem panela de assar pipoca, escurecida à fumaça dos tiros, com os cabras saltando e miando de maracajás, e Nhô Augusto gritando qual um demônio preso e pulando como dez demônios soltos.

- Ô gostosura de fim-de-mundo!... (Rosa, 2019, p.330).

Os tiros tomam conta da casa e o narrador foca na briga entre Nhô Augusto e Joãozinho Bem-Bem, assistidos pelos moradores que correm para os ver, que brigavam “de sorriso na boca e de faca na mão.” (Rosa, 2019, p. 330). Finalmente, ambos tombam, o jagunço talhado na barriga, com as tripas de fora, e o “homem do jumento”, como o povo começara a chamar Nhô Augusto, com sangue jorrando por todas as partes de seu corpo. Ao ver seu herói e salvador tombar, o povo corre para salvar Nhô Augusto, que, assim como Cristo e Estevão, na hora do martírio, intercede pelo seu próprio algoz: “- Espera aí, minha gente, ajudem o meu parente ali, que vai morrer mais primeiro... Depois, então, eu posso me deitar.” (Rosa, 2019, p. 330).

O conto termina com Nhô Augusto pedindo, à semelhança de Estevão, que ele morra olhando para o céu. Após isso, o protagonista pede para o povo saber se alguém conhecia Nhô Augusto Esteves, das Pindaíbas, e um velho parente seu aparece e reconhece-o. O narrador agora se refere ao personagem como Augusto Matraga. Esse nome só aparece aqui e no começo do conto, simbolizando, como exposto por Galvão (2008), o seu nome de santo popular, de homem canonizado pelo povo. O final do conto mostra o último pedido de Matraga:

- Põe a benção na minha filha... seja lá onde for que ela esteja...
E, Dionóra... Fala com a Dionóra que está tudo em ordem!
Depois, Morreu. (Rosa, 2019, p. 332).

Podemos perceber que este processo de martírio em muito se diferencia daquele encontrado na vida do apóstolo Paulo. Como exposto por Riambau (2006), temos aqui a finalização do processo de formação do personagem enquanto um santo. Diferente de Paulo, que tem a sua vida transformada na estrada para Damasco e passa, a partir daquele momento, a viver uma vida de devoção, tendo encontrado o sentido de sua vida em servir a Cristo, em Matraga temos algo um pouco diferente. Tal qual o apóstolo, Matraga também passa por um processo de arrependimento e de conversão, mas a sua redenção ainda não fora encontrada. Matraga ainda aguarda a sua hora e a sua vez, o momento no qual tudo fará sentido e para o qual toda a sua trajetória de vida o encaminhara. Paulo está satisfeito com a sua jornada de

vida, sabendo que já recebeu de Cristo a salvação; Nhô Augusto, mesmo arrependido, sente que falta algo que lhe garanta a certeza desta salvação.

Outra diferença que podemos notar nos dois processos de martírio é aquele citado por Galvão (2008), que diferencia o santo-asceta do santo-guerreiro. Enquanto o primeiro é canonizado pela sua vida interna, o outro o é pela sua vida externa. “Talvez a diferença radique menos na forma do comportamento, entre a contemplação e a ação, elas mesmas passíveis de alternância, e mais na luta da predominância do grau de interiorização ou exteriorização da luta para adquirir a santidade.” (Galvão, 2008, p.70). Se o apóstolo Paulo buscou a santidade através da vida interior⁷, foi no exterior que Matraga encontrou a sua, sendo canonizado pelo povo do Rala-Coco pelo seu feito de ter salvado aquelas pessoas. No final do conto, Matraga dá lugar ao seu instinto violento e agressivo, presente em todo conto e contido após a sua humilhante derrota. Esse instinto violento retorna, porém, de maneira “santa”, “redimida”, agora sendo utilizado para fazer o bem àquelas pessoas. Tal feito vai cumprir a “profecia” proferida pelo próprio personagem, levando-o ao céu “nem que seja a porrete.” (Rosa, 2019, p. 307).

V - CONSIDERAÇÃO FINAIS

Após as análises e comparações realizadas, pudemos notar que as imagens, os temas e os motivos presentes na história de Paulo, conforme narrada por Lucas no livro de Atos, também aparecem no conto rosiano, no qual encontramos diversos elementos em comum entre as obras, bem como inúmeras diferenças. Não nos preocupamos em propor que Guimarães Rosa tenha se inspirado diretamente na história do apóstolo Paulo, mas que a narrativa bíblica contribui para com uma série de temas (a redenção, a conversão, o arrependimento, o martírio etc) e motivos (a queda do cavalo, a marca no corpo, a busca por uma justiça própria x a verdadeira justiça etc) que se somam à tradição literária, contribuindo para as imagens de santos e de mártires os quais o conto de Guimarães Rosa utiliza como inspiração.

Podemos perceber também a importância do pensamento de Northrop Frye, ao constatar que o conhecimento de narrativas bíblicas, neste caso, é de vital importância

⁷ Utilizamos este termo pensando no teólogo Thomas de Kempis em sua obra *A imitação de Cristo* (2015). Segue: “Volte-se para o Senhor com todo o seu coração e abandone este mundo desprezível, e sua alma encontrará descanso. (...) Cristo virá a você e lhe dará suas consolações se você preparar em seu interior uma mansão para ele. Toda a sua beleza e glória vêm de dentro, e ali está seu prazer.” (Kempis in *Clássicos da Literatura Cristã*, 2015, p. 434). Percebemos que esta característica de “refúgio interior” será muito presente nas histórias dos santos, dos eremitas e em toda tradição monástica que perdura até hoje.

para uma análise mais aprofundada do conto. Não podemos deixar de observar que Guimarães Rosa escreve a partir do contexto do sertão mineiro, um ambiente onde o catolicismo popular é muito forte.

Reconhecemos que esta pesquisa poderia ter se aprofundado mais na análise do conto, destacando partes importantes que não foram citadas por motivos de economia do trabalho, como a peregrinação eremítica de Nhô Augusto em direção ao Rala-Coco, as diversas tentações pelas quais o protagonista passa, à semelhança de Cristo, as diferenças das figuras femininas e masculinas que aparecem na obra, e como isso influencia o personagem etc. Porém, mesmo com essas lacunas, esperamos que a pesquisa se mostre útil para todo aquele que deseje explorar mais a fundo a relação entre esses dois personagens.

Um possível desdobramento desta pesquisa seria, além de aprofundar a relação entre os personagens, buscar relações com outros personagens que também passassem por um processo de martírio. Além disso, temas específicos do conto podem ser melhor estudados como a diferença entre santos-guerreiros e santos-ascetas. Com relação a isso, um tema do interesse do autor desta pesquisa seria a investigação do conceito de santo-guerreiro e santo-asceta na obra, relacionando-o com algumas ideias do mundo germânico e escandinavo acerca do papel do guerreiro. Tal ideia surge devido ao título da obra no qual o conto está inserido, título que faz referência a um gênero literário tipicamente escandinavo: as sagas. No mais, esperamos que o presente trabalho possa somar com a extensa fortuna crítica do conto, que é, nas palavras de Antonio Cândido (2019), um dos doze ou dez mais perfeitos da nossa língua.

REFERÊNCIAS

ALTER, Robert. **A arte da narrativa bíblica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BÍBLIA - **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulos, 2002.

Clássicos da Literatura Cristã: pais apostólicos; confissões; imitação de Cristo. São Paulo: Mundo Cristão, 2015.

FRYE, Northrop. **A imaginação educada**. Campinas, SP: Vide Editorial, 2017.

FRYE, Northrop. **O grande código: a Bíblia e a Literatura**. Campinas, SP: Editora Sétimo Selo, 2021.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **Mínima Mímica: ensaios sobre Guimarães Rosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Os patamares da fabulação. **Suplemento Literário Minas Gerais**. Minas Gerais: n. Especial Guimarães Rosa, maio, 2006. Disponível em: <https://usp.br/bibliografia/obra.php?cod=15130&s=grosa>. Acesso em: 16 set. 2024.

GOUVEIA, Arturo. Et al. **Da ignomínia à pertença: Nove ensaios sobre Augusto Matraga**. São Paulo: Editora Cajuína, 2021.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

RIAMBAU, Vanessa. O herói roseano: Augusto Matraga, da violência à santidade. **Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas**. Porto Alegre: Vol. 02 N. 02 – jul/dez, 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/4880/2795>. Acesso em: 16 set. 2024.

ROSA, João Guimarães de. **Sagarana**. São Paulo: Global, 2019.

SCHACH, Vanderlei Alberto. **Fariseus e Jesus: Teologia e espiritualidade em relação ao sábado a partir de Mc 3:1-6**. Dissertação (Mestrado em Teologia). Instituto Ecumênico de pós-graduação em teologia, Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, 2007.

WRIGHT, N. T. **Paulo: Uma biografia**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.